

A EXPOSIÇÃO OU A CANECA

conto de

Egídio Álvaro

Chuviseava miudinho quando eles, finalmente, descobriram a rua da exposição. Vieram atraídos pelos dois chamarizes do cartaz:

" A cerveja correrá em ondas "

É um trocadilho intraduzível que servia de tema aos quadros expostos : Do geral (general) ao particular.

Um mar de gente atulhava a rua estreita, em frente da porta iluminada.

- Toma! - disse um deles - Como não temos convites, não poderemos entrar. Com a cerveja assim a correr em ondas e esta multidão sequiosa, deve haver um controle danado.

- Nem vale a pena tentar - concorrou o outro - É melhor iráos embora beber uma bica num sítio qualquer, e conversar.

N Não, já que aqui estamos, em frente.

Cá fóra a alegre rapaziada garrulava e conversava com as elegantes jóvens, por cima das grossas canecas de barro cheias de cerveja.

Um velho homem de ar sabedor, meio sorriso na cara, chapinho de pena poisado na cabeça, calções e suspensórios sobre a camisa, muito "cervejeiro alemão", encarregava-se da bebida, com bonomia. As canecas sucediam-se sem interrupção sob a torneira.

- Temos sorte - disse Duarte - A cerveja é à borla. Vamos virar nela.

Pegaram em duas canecas, as penúltimas lavadas, e encheram-nas. Os primeiros tragos foram saborosos. Mas depois, o Ruivo, que já tinha jantado, e beberricava em pequenos goles, achou-lhe um gosto desagradável. E Duarte protestou contra a quantidade enorme de espuma que o velhote deixava.

- Quase dava para afogar o nariz. Nunca mais aparece o líquido. Cebolas para isto.

Uma e outra vaga de chuva, mais grossa, caiu. Entraram no salão, que era bastante pequeno mas não estava tão cheio como parecia visto do exterior.

Estavam lá os quadros, belos iluminados, e as engenhocas movediças, na moda, e a directora da galeria, levemente corada e abundantemente pintada, e os artistas, e as jovens sofisticadas e muito bem vestidas, e os amigos (dos artistas e das jovens), várias senhoras de idade, tentando quase todas disfarçá-la, e alguns críticos.

Também lá dentro se bebia cerveja.*

Antes de começarem a ver os quadros observaram detalhadamente quem estava. O Duarte achou extraordinária uma jovem dos seus vinte e dois, muito bela, com um vestido de lã trabalhada, creme ciarinho. O Ruivo concordou, mas como estava sentimentalmente liquidado, não prestou muita atenção.

Com uma pequena palmadinha nas costas anunciou-se inesperadamente um crítico de arte amigo do Ruivo. Falava muito lentamente e enquanto saboreava as palavras mastigava uma pastilha elástica.

"É para perfumar o hábito" pensou Duarte.

Delicadamente, debitou as suas opiniões sobre a arte em geral, guardando-se de apreciar aquela exposição em particular, até que o Ruivo estampou ali mesmo, com todas as letras, a sua opinião sobre o que via. Nessa altura, e com um sorriso cúmplice e paternal, ele concordou.

O Duarte, entretanto, como era seu hábito, vá de dizer

as banalidades do costume, preparando-se para uma crítica mais decente quando o ambiente o proporcionasse. Falou, e com pouca clareza, sobre a civilização técnica e a insignificante influência dos artistas na condução dos destinos da humanidade. Atirou-se ao futuro, que, segundo ele, era dos técnicos, e à destruição dos valores familiares e clássicos.

Mas o outro arrefeceu-o

- Ao menos, podemos ser Bandarras - sentenciou, com um sorriso irónico e fino, que gelava.

Claro que ele era o perfeito espécime do Bandarra iludido, mas o Duarte não lho disse, porque não o conhecia e porque não estava interessado em discutir com ele.

sem dizer adeus, mas acrescentando ainda algumas famosas máximas - talvez influenciado pela transparente instabilidade emocional de Artur, pois não era seu hábito fazê-lo - o crítico desapareceu.

Duas velhas mulheres - uma enorme e pesada, e outra muito baixinha e mirrada - começaram a cantar em coro. Alguns assistentes juntaram as suas vozes. Aquecidas pelo ambiente avançado, pela cerveja, e não se sabe mais porquê, as duas mulheres disseram algumas graças, após o que descambaram nas piadas pesadonas e por fim se calaram, entre a hilariedade e o bom humor gerais.

O Artur, aproveitando o estado de espírito dos presentes, enfiou no bolso da gabardina a sua enorme caneca de cerveja, e o Ruivo, que não levava gabardina, pediu-lhe para guardar outra. O Duarte, a quem a ideia não agradou, propôs muito simplesmente que se retirasse com a caneca na mão.

Deram uma vista de olhos aos quadros e assimilaram facilmente o espírito dos artistas. A propósito de caricaturar os generais salvadores das pátrias alheias eles atiravam-se com fúria calculada ao seu próprio general, mas com ~~xxxxx~~ garra débil.

Saíram e encheram as canecas. Como dois vulgares pen-

sadores, afastaram-se um pouco da multidão, saboreando a cerveja e salpicando cada frase de longos silêncios. Até que, já um pouco fóra do barulho, o Ruivo deu fê do fulano de enorme barriga e camisolão vermelho escuro que os observava com evidentes intuits inquisitoriais.

- Tudo perdido - disse a Duarte - Já daqui não nos saíamos com as canecas. É melhor voltar discretamente e abandonar-las. Paciência. Aquele ali deve ser da organização e já não nos larga.

Comentando a barriguinha do homem, o Duarte disse :
- Eu vi logo, é um prosélito da cerveja.

- Mas eu pensei que aqui havia uma certa liberdade - indignou-se o Ruivo - Afinal, sempre é uma exposição do general. Mas até aqui estamos debaixo de olho, nem!

- que esperavas? - sentenciou filosoficamente Duarte.
Reentraram na exposição, agora com aguçado sentido crítico, e va de demolir sábia e ferozmente cada uma das telas, e as engennocas também, com frases cáusticas e violentas.

Por fim, cansados, deixaram as canecas ao homem da peninha, que ainda tentou passar-lhes, amavelmente, mais alguma triaga, recusada com ar levemente ofendido, e afastaram-se, mal dizendo o tempo adverso.

Ao longe o guardião, que os seguira pela sala por algum tempo, ainda observava, desconfiado.

As mulheres tinham recomeçado a gritaria, na sala, e verdadeira alegria corria a rodos e escoava-se até eles.

- Mais uma caneca - comentou Duarte, com a mão sobre a gabardina - Razoável, a exposição.